

NOVAS MOEDAS HISPÂNICAS DE Balsa E OSSONoba

Rosa Varela Gomes
Mário Varela Gomes

1. A colecção e o estudo de moedas tem, desde a Renascença, ocupado antiquários, artistas, arqueólogos, historiadores de arte e alguns *curiosi*. Entre nós foi, talvez, D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas (1726-1814), erudito arqueólogo, paleógrafo e numismata, bispo de Beja (1770) e depois arcebispo de Évora (1802), quem primeiramente dedicou a sua atenção à numismática antiga da Península, reunindo uma vasta colecção com mais de quinhentos exemplares, hoje a maior parte depositada no Museu Regional de Évora.

Portugal, país muito rico em estações arqueológicas, ocupado densamente durante a Proto-história e na Época Romana, cedo forneceu a numismatas e a coleccionadores, tanto portugueses como estrangeiros, abundantíssimo material, geralmente proveniente de achados fortuitos, fora dos seus contextos arqueológicos, infelizmente ainda hoje quase desconhecido, carecendo de modernos estudos sistemáticos, analíticos e monográficos.

À numismática hispânica, sobretudo à colecção do Museu de Évora, tem Farinha dos Santos dedicado ultimamente valioso trabalho, estudando oficinas (Abdera, Gades, Malaca, Sexs, Emerita Augusta, Kevion), a sua difusão, assim como os tipos e variantes dos seus cunhos (Santos, 1972; 1979; 1980; Silva, Soares e Santos, 1973; Santos e Marques, 1977). A recente descoberta de dois numismas, um de Balsa e outro de Ossonoba, numa propriedade de familiares nossos, na Quinta do Pinheiro, nas imediações do local onde se presume ter existido a antiga cidade de Balsa, estimulou-nos a procurar reunir e a estudar outros exemplares cunhados naquelas cidades, tanto mais que desconhecíamos trabalhos de conjunto sobre aquelas oficinas, sobretudo da primeira que é pouco referida na bibliografia especializada. Posteriormente, o acaso proporcionou-nos encontrarmos mais três moedas de Balsa numa pequena colecção numismática reunida pelo Sr. Rodrigues Miguel de Lisboa. Procurámos ainda moedas das oficinas de Balsa e de Ossonoba na colecção do Museu Nacional de Arqueologia, onde identificámos alguns

exemplares desconhecidos. Estamos certos que muitas outras moedas inéditas ou pouco divulgadas, que sabemos encontrarem-se em colecções particulares e que procuraremos num futuro próximo dar a conhecer, assim como as provenientes das recentes escavações realizadas em Balsa por Maria e Manuel Andrade Maia, contribuirão para aprofundar este estudo agora apenas iniciado.

Dos nove numismas que publicamos, cinco são pertença particular, conforme referimos, e os restantes quatro fazem parte da colecção numismática do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia¹. São provenientes respectivamente da Quinta do Pinheiro (2), da Quinta da Torre de Ares-Balsa (5), do Amendoal (1) e de Milreu (1) (Fig. 1).

Estas peças, embora destituídas dos seus contextos arqueológicos precisos, são originárias de estações romanas de que se conhecem abundantes materiais que, como veremos, nos ajudarão a melhor compreender a sua atribuição cronológica e cultural.

2. *Inventário*

2.1 Quadrante de chumbo, com 16 mm de módulo e 2 mm de espessura (Est. I-1). O anverso mostra, em relevo, ocupando todo o centro da face, um navio, voltado para a direita, com proa em voluta, popa alta e ariete, sob o qual se encontra a legenda BALS.

O reverso apresenta um atum, voltado para a esquerda, a toda a largura da face. O recorte é regular, embora fracturado em dois pontos, com o bordo boleado. A conservação do anverso mostra-se quase à flor do cunho, sendo boa a do reverso. A pátina é de cor cinzenta de chumbo com algumas concreções e óxidos de cor mais clara.

Pesa 3,6 grs. Foi brevemente referido por J. Fernandes Mascarenhas (1978, 14).

2.2 Quadrante de chumbo, com 17 mm de módulo e 2 mm de espessura. O anverso mostra, em relevo, ocupando todo o centro da face, um atum sem a barbatana caudal, voltado para a direita, sob o qual se encontra a legenda OSO (Est. I-2).

O reverso não apresenta cunhagem claramente reconhecível, encontrando-se raspado e distinguindo-se vagamente uma forma sub-rectangular, talvez um navio. O recorte é regular sendo o bordo boleado. A conservação do

¹ Agradecemos ao Sr. Lourenço Manuel Mendonça ter-nos permitido o estudo das duas peças referidas.

Para o Director do M. N. A. E. e para o Dr. Rui Parreira, do Serviço de Museologia daquela Instituição, vão também os nossos agradecimentos por nos terem prontamente facilitado o restante material agora estudado.

anverso é deficiente tendo o reverso sido apagado. A pátina é de cor cinzenta de chumbo. Pesa 3,6 grs.

Os numismas descritos foram encontrados conjuntamente pelo Sr. Lourenço Manuel Mendonça, actual proprietário da Quinta do Pinheiro, ao ali lavar uma parcela de terreno junto à linha férrea. Fazem parte de uma pequena colecção de objectos arqueológicos recolhidos naquela propriedade ou nas suas imediações, que era pertença do saudoso Sr. José Agostinho Correia Magro, sogro do achador. Sobre as condições em que jaziam fomos informados que naquele local não foi encontrado outro qualquer artefacto tendo apenas, há bastantes anos, ali aparecido restos de muros e uma conduta de água ou esgoto que não pudemos observar.

A Quinta do Pinheiro fica situada perto da povoação da Luz e pertence ao concelho de Tavira; abrange vasta zona intensamente agricultada, hoje coberta sobretudo por vinhas e pomares de citrinos, situada entre a estrada nacional N.º 125 e o mar.

Fica contígua à Quinta da Torre de Ares onde Estácio da Veiga (1866) encontrou importantes testemunhos da Época Romana e localizou a antiga cidade de Balsa. A presença romana na área de que hoje faz parte a Quinta do Pinheiro é ainda atestada pelo achado de um magnífico balsamário antropomórfico de bronze que, segundo García y Bellido (1949, 457-458), representa um sátiro ou, na opinião de Leite de Vasconcellos, o deus Mercúrio (1919-20, 283-286) (M. N. A. E. 17.888) assim como por uma necrópole, hoje destruída pela agricultura (Santos, I, 1972, 302-304).

2.3 Semisse de chumbo, com 19 mm de módulo e 2 mm de espessura (Est. I-13). O anverso apresenta, em relevo, ocupando todo o centro da face, um navio, com mastro, voltado para a direita, proa e popa alta, com ariete, sob o qual se encontra a legenda BALS e uma gráfila de glóbulos. O reverso mostra, a toda a largura, um atum voltado para a esquerda, com barbatanas rectas, sob o qual se encontra um X, um glóbulo e uma gráfila de glóbulos. Para além de uma fractura o recorte é regular apresentando o bordo boleado. Embora não se encontre à flor do cunho a conservação é boa.

A pátina é de cor castanha com algumas concreções de cor cinzenta clara. Pesa 6,6 grs.

2.4 Quadrante de chumbo com 16 mm de módulo e 2 mm de espessura (Est. I-4). O anverso apresenta um navio voltado para a direita, proa com ariete, popa e mastro, sob o qual se encontra a legenda BALS. A primeira letra está fracturada. O reverso mostra, descentrado na parte inferior, um atum virado para a esquerda. O recorte corroído tem pequenas

fracturas. A conservação é deficiente, reconhecendo-se suficientemente as figuras. A pátina é de cor castanha avermelhada. Pesa 3,5 grs.

2.5 Sextante de chumbo com 8 mm de módulo e 2 mm de espessura (Est. I-5). O anverso apresenta, em relevo, ocupando todo o centro da face, um navio, com proa, ariete, popa alta, mastro e vela em forma de árvore, sob o qual se encontra a legenda BALS.

O reverso mostra um atum voltado para a esquerda.

Uma fractura que não afecta a figura do reverso, corta um pouco a imagem do navio do anverso, assim como parte da legenda. A conservação não é muito boa; a pátina é de cor castanha clara. Pesa 2 grs.

Estes três numismas foram comprados, há mais de quarenta anos, pelo Sr. Rodrigues Miguéis a um pescador, nas imediações de Tavira, que na altura declarou tê-los encontrado junto ao mar, na Quinta da Torre de Ares (Balsa).

2.6 Triente de chumbo com 18 mm de módulo e 2 mm de espessura (Est. I-6). O anverso mostra, em relevo, ocupando o centro da face, um navio, voltado para a direita de que se reconhece com nitidez somente o casco e a popa alta, sob o qual se encontra a legenda BALS. A proa e o mastro, com vela em forma de árvore, encontram-se muito apagados. O reverso apresenta um atum, voltado para a esquerda, a toda a largura da face. O recorte é regular tendo o bordo boleado. A conservação do anverso é semelhante à do reverso, mostrando-se ambas as faces muito apagadas. A pátina é de cor cinzenta escura de chumbo. Pesa 4,9 grs. Pertence à colecção numismática do M. N. A. E. onde se encontra, no tabuleiro n.º 148 (peça 5), acompanhado de um outro numisma completamente irreconhecível (peça 6); ambos estão catalogados como provenientes de Torre de Ares, talvez encontrados por E. da Veiga nas escavações que ali realizou e donde são procedentes, segundo aquele arqueólogo, mais de cinco mil moedas, hoje totalmente dispersas (1866, 12). Tanto a Quinta da Torre de Ares como a Quinta das Antas (Tavira) têm oferecido iniludíveis testemunhos que comprovam a existência, naquele local, da cidade de Balsa. Ruínas várias, esculturas, inscrições onde se refere a *Res Publica Balsensium* ou cidadãos *Balsensis*, assim como outro abundantíssimo espólio, quase inédito, tem vindo a confirmar a atribuição de E. da Veiga da situação desta importante cidade que bateu moeda no séc. I a. C. (Santos, 1972, I, 220-261). Ainda perto de Tavira, na Quinta do Arroio, explorou T. de Aragão, em 1868 (2703-2705), uma importante necrópole romana.

2.7 Quadrante de chumbo, com 15 mm de módulo e 2 mm de espessura (Est. I-7). O anverso mostra, em relevo, ocupando o centro da face, um

navio com mastro, voltado para a direita, sob o qual se encontra a legenda BALS. Perto da orla reconhecem-se quatro glóbulos, restos de uma gráfila, também em relevo.

O reverso apresenta, centralmente, um atum voltado para a esquerda, sob o qual se encontra um X, um glóbulo e restos de uma gráfila de glóbulos.

A conservação tanto do anverso como do reverso é regular estando as faces pouco apagadas. A pátina é de cor cinzenta de chumbo. Pertence à colecção numismática do M. N. A. E. (n.º 67), onde está referido como proveniente de Balsa. Pesa 3,7 grs.

2.8. Triente de chumbo, com 17 mm de módulo e 2 mm de espessura (Est. I-8). O anverso mostra, ocupando o centro da face, um navio muito apagado com mastro e vela, em forma de árvore, e cinco glóbulos, de uma gráfila, perto da orla. Sob o navio reconhecem-se ainda os restos da legenda BALS cujas letras se encontram também muito gastas. O reverso apresenta centralmente um atum voltado para a esquerda. O recorte é regular tendo o bordo boleado.

A conservação do anverso é semelhante à do reverso mostrando-se ambas as faces, como referimos, muito deterioradas. A pátina é de cor cinzenta escura de chumbo. Pesa 4,6 grs. Pertence à colecção numismática do M. N. A. E. (n.º 4), catalogado como proveniente do Amendoal, certamente encontrado por E. da Veiga nas escavações que ali realizou em 1878, donde provém diverso material da época romana quase todo ainda inédito, (Santos, 1972, II, 173-177).

2.9. Triente de chumbo, com 16 mm de módulo e 2 mm de espessura (Est. I-9). O anverso mostra, em relevo, ocupando todo o centro da face um atum, voltado para a direita, semelhante ao da peça descrita em 2.2, sob o qual se encontra a legenda OSO. No reverso, muito apagado, reconhece-se ainda uma forma elíptica, talvez um navio sobre o qual se encontra a legenda OSO. O recorte apresenta-se regular tendo o bordo boleado. A conservação é deficiente, pois ambas as faces se encontram muito apagadas. A pátina é de cor cinzenta escura de chumbo. Pesa 4,7 grs. Pertence à colecção numismática do M. N. A. E. (140), catalogado como proveniente de Milreu, talvez encontrado nas escavações que Estácio da Veiga ali procedeu em 1877.

A estação arqueológica de Milreu em Estói, perto de Faro, foi até cerca de meados deste século identificada como sendo a sede da cidade romana de Ossonoba, tese hoje inteiramente posta de parte, face aos inúmeros achados romanos de Faro divulgados sobretudo por A. Viana e M. Lyster Franco (Franco, 1940, 1952; Santos, 1972, II, 179-216). Em Milreu existiu certamente uma importante *villa* e um centro religioso, talvez dedicado às divindades

aquáticas, servido de vastas estruturas termas e balneares, posteriormente recuperado durante o Período Paleo-cristão.

Abundantes motivos aquáticos com peixes, moluscos, barcos e tritões, decoram paredes e pavimentos de mosaico ou serviram de tema escultórico, como o belo fragmento de «Amor cavalgando um golfinho» ali encontrado, hoje no M. N. A. E.

Podemos mesmo afirmar serem provenientes desta estação as mais belas e mais importantes esculturas romanas encontradas em Portugal (Júlia, Agripina, Galieno, Bacante). De Milreu provêm numismas que pertenceram à colecção do Dr. Justino Cúmano e que, segundo Teixeira de Aragão, apresentavam no anverso a legenda OSO ou OSSO e no «reverso um peixe ou um navio» (Aragão, 1868, 2704), três deles, posteriormente publicados por L. de Vasconcellos (1918, 108).

2.10. O numisma que passaremos a descrever foi já publicado por Teixeira de Aragão (1867, 11), Heiss (1870, 416, 1-a), Leite de Vasconcellos (1901, 87) e por Farinha dos Santos (1980, 667). É um quadrante, de chumbo, com 14 mm de módulo e cerca de 2 mm de espessura (Est. I-10). O anverso mostra, centralmente em relevo, um atum voltado para a direita, sob o qual se encontra a legenda OSO. O reverso apresenta, na metade inferior da face, um navio e na metade superior, junto à orla, a legenda OSO. O recorte mostra-se irregular, decomposto em óxidos polvorentos e em corrosão activa. A pátina é de cor cinzenta de chumbo e as zonas decompostas apresentam-se de cor branca a cinzenta clara. Este exemplar, se não for devidamente tratado de modo a fazer parar o estado de corrosão activa em que se encontra, em breve ficará inutilizado. Pertence à colecção numismática da Casa da Moeda². Leite de Vasconcellos (1901, 87) refere-o, como fazendo parte do antigo Museu Real da Ajuda, e Teixeira de Aragão tinha-o descrito integrado na colecção numismática da «História Portuguesa do Trabalho» enviada, em 1867, à Exposição Universal de Paris (1867, 11).

Confirmando esta identificação refira-se que uma das outras peças numismáticas anepígrafas que L. de Vasconcellos (1901, 87-88) publica com o quadrante de Ossonoba, e que atribui àquela oficina (a nosso ver poderá tratar-se de uma moeda com golfinho de uma das oficinas do sul da Península talvez Asido, Arse, Gades, Carteia ou Dertosa), à qual T. de Aragão e Heiss deram idêntica classificação, embora o primeiro «sob todas as reservas», encontrava-se então também no Museu Real da Ajuda e faz parte

² Agradecemos ao Sr. Peixoto, da Casa da Moeda, as facilidades concedidas para o estudo deste numisma.

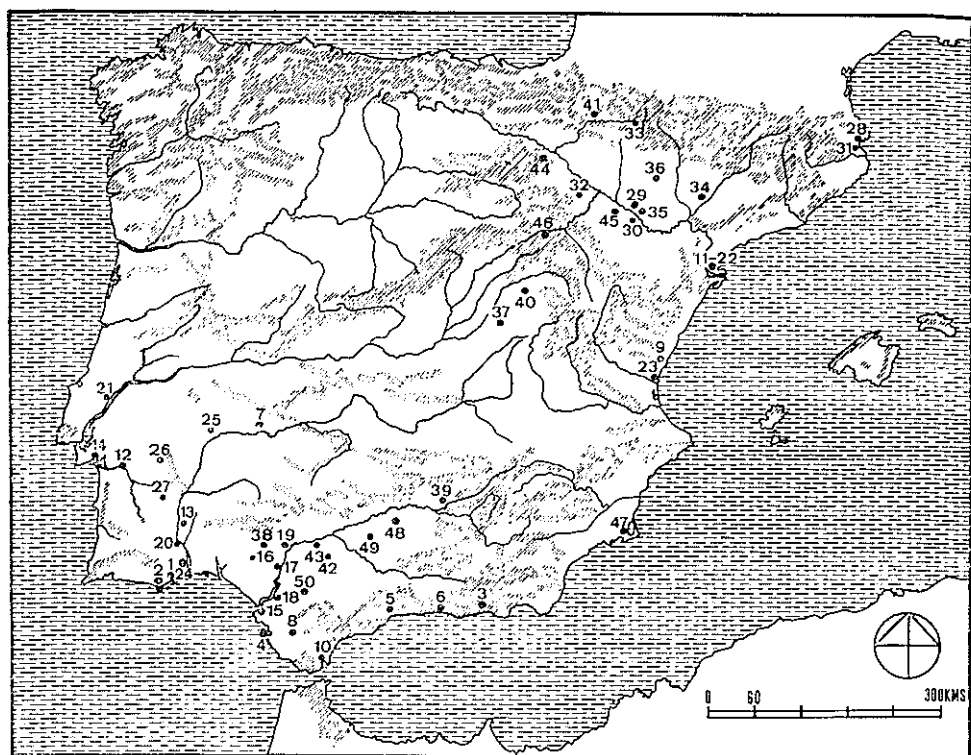


Fig. 1 — Oficinas hispánicas, referidas no texto, cuja situação se conhece mesmo que aproximada.

- | | |
|--|--|
| 1 — Balsa (Torre de Ares, Faro). | 26 — Eborá (Évora). |
| 2 — Ossonoba (Faro). | 27 — Pax Julia (Beja). |
| 3 — Abdera (Almería). | 28 — Emporiae (Ampúrias, Gerona). |
| 4 — Gades (Cádiz). | 29 — Celsa (Zaragoza). |
| 5 — Malaca (Málaga). | 30 — Araticus (Arandiga, Zaragoza). |
| 6 — Sexs (Granada). | 31 — Undiscescen (Gerona). |
| 7 — Emerita Augusta (Mérida). | 32 — Turiasu (Tarragona, Zaragoza). |
| 8 — Asido (Medina Sidonia, Cádiz). | 33 — Iaca (Jaca, Huesca). |
| 9 — Arse (Sagunto). | 34 — Iltirta (Lérida). |
| 10 — Carteia (Algeciras, Cádiz). | 35 — Saldue (Zaragoza). |
| 11 — Dertosa (Tarragona). | 36 — Bolscan (Huesca). |
| 12 — Kevion (Alcácer do Sal, Setúbal). | 37 — Segóbriga (Cuenca). |
| 13 — Sirpens (Serpa, Beja). | 38 — Ituci (Sevilha). |
| 14 — Salácia (Setúbal?). | 39 — Cástulo (Cáizlona, Jaén). |
| 15 — Aipora (Cádiz). | 40 — Ercavica (Cuenca). |
| 16 — Lastigi (Sevilha). | 41 — Barscunes (Pamplona). |
| 17 — Caura (Sevilha). | 42 — Cilpes (Sevilha? ou Silves?). |
| 18 — Cunbaria (Cádiz). | 43 — Carmo (Carmona, Sevilha). |
| 19 — Ilipa (Alcalá del Río, Sevilha). | 44 — Calagurris (Tarragona, Sagaroza). |
| 20 — Myrtilis (Mértola, Beja). | 45 — Caesaraugusta (Zaragoza). |
| 21 — Brutóbriga (Santarém). | 46 — Bilbilis (Cuenca). |
| 22 — Ilergavonia (Tarragona). | 47 — Cartago Nova (Murcia). |
| 23 — Sagunto (Valencia). | 48 — Obulco (Jaén). |
| 24 — Baesuri (Castro Marim, Faro). | 49 — Ullia (Jaén). |
| 25 — Dipo (Elvas?, Portalegre). | 50 — Iripo (Cádiz). |

actualmente da colecção numismática da Casa da Moeda. Resta acrescentarmos que aquelas moedas terão sido encontradas juntas, perto de Faro, talvez em Milreu. De Loulé Velho provêm dois numismas de Carteia, um com golfinho e tridente no anverso, hoje na Câmara Municipal de Loulé, talvez a mesma oficina que cunhou a moeda que acompanha a de Ossonoba agora descrita (Santos, 1971, I, 154).

3. *Estudo Comparado*

Alguns numismas cunhados em Balsa e Ossonoba são já conhecidos na bibliografia arqueológica e numismática. As moedas de Ossonoba são referidas nas grandes sínteses e catálogos que, desde o séc. XVIII, tratam a moeda hispânica, devendo-se os principais a Flórez (1757), Heiss (1870, 416), Delgado (1871, II, 257, LXIII), Zobel (1878-1880), Hübner (1893, 134) e, mais recentemente, a Vives (1926, CXVIII-I-4), Gil Farrés (1966, 285, 323, n.ºs 1507 e 1508; 1976, 130), Alvarez Burgos (1979, 151, n.ºs 1202 e 1203), L. Villaronga (1979, 235) e A. M. de Guadán (1980, 238, n.ºs 917 e 198) (Fig. 3).

As moedas de Balsa, menos divulgadas que as de Ossonoba, são conhecidas apenas nas sínteses de Gil Farrés (1966, 282, 293, n.ºs 1176 e 1178; 1976), de Alvarez Burgos (1979, 126-127, n.ºs 959-961) e de L. Villaronga, (1979, 235, n.º 871), sendo ainda objecto de um pequeno estudo do primeiro autor agora citado (Gil Farrés, 1964) (Fig. 2).

António Delgado (1871, II, 257-260, LXIII-1-3), publica três moedas de Ossonoba, uma na colecção de S. E. Calderon de Madrid, outra já referida por Flórez (1757, LXV, n.º 4), pertencendo a terceira à colecção de Justino Cúmano, de Faro, encontrada em Milreu no mês de Maio de 1860.

Flórez (1757, LXV, 5) publicou ainda, como sendo de Ossonoba, uma moeda que mostra no anverso um touro e no reverso um golfinho e a legenda OSSO, atribuição já posta de parte por Delgado (1871, I, XLIII; Heiss, 1870, LXIII, 2; Beltrán, 1950, 374).

Também Frei Vicente Salgado (1786, 84) refere encontrar-se um asse de Ossonoba, semelhante ao publicado por Flórez (1757, 111, LXV-4) e depois por Delgado (1871, LXIII-2), na colecção do então bispo de Beja, D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas.

Num trabalho de 1901 Leite de Vasconcellos (81-89, figs. 18-19) não menciona novas moedas de Ossonoba limitando-se a reproduzir duas das publicadas por A. Delgado, a da colecção Calderon e uma da colecção Justino Cúmano, descrevendo ainda a que actualmente se encontra na Casa da Moeda, por nós referida em 2.10, e que tinha sido já publicada por T. de Aragão. L. de Vasconcellos refere moedas de Balsa, de que não chega a

publicar qualquer exemplar senão em 1932, num trabalho pioneiro que não é mencionado por G. Farrés (1964) ao pretender identificar, pela primeira vez, aquela oficina.

A colecção J. Cúmano foi também citada, embora brevemente, por T. de Aragão (1968, 2704), que a ela se referiu por ali ter encontrado moedas de Ossonoba e de Balsa; Leite de Vasconcellos publicaria posteriormente (1918, 108) três novas moedas de Ossonoba daquela colecção.

António Vives, na sua obra *La Moneda Hispánica* (1926, t. III, 114), classifica quatro moedas como batidas em Ossonoba, duas da colecção do Instituto de Valência de Don Juan (CXVIII-1 e 3), uma da colecção Cervera e a quarta reproduzida do livro de Delgado (LXIII-3) e que pertenceu à colecção de J. Cúmano. Uma delas (CXVIII-3) é, quanto a nós, claramente de Balsa pois apresenta no anverso a legenda BALS, abreviatura de Balsa comumente usada tanto em numismas como em lápides daquela cidade, e não RAI como aquele autor leu. Uma outra moeda anepígrafa e muito gasta, a da colecção Cervera, publicada por Vives (CXVIII-2), por Gil Farrés (1964, 36) e posteriormente por Guadán (1980, 238, n.º 918), como sendo de Ossonoba, é atribuída muito acertadamente por Alvarez Burgos (1979, 126, n.º 960) a Balsa.

Encontrámos nos numismas descritos em 2.3 e 2.7 a confirmação daquela última classificação pois mostram, como vimos, no anverso um navio e a legenda BALS e no reverso um atum sob o qual se vê um X e um glóbulo, ambas (2.7) com gráfila de glóbulos perto da orla em cada uma das faces, variante para a qual existe como paralelo, nosso conhecido, a moeda acima referida publicada primeiramente por Vives (CXVIII-2). Guadán e A. Burgos classificam aquela moeda como um semisse, apesar do primeiro referir que é de bronze e o segundo de chumbo. Os paralelos que mencionámos, ambos provenientes de Balsa, são como verificámos um semisse de chumbo, pesando respectivamente 6,6 grs., e um quadrante, também de chumbo, com 3,7 grs. Gil Farrés (1966, 318) interpreta erradamente a figura do anverso desta variante como sendo um navio com remos, embora se trate de um atum com barbatanas longas, sendo a caudal bem reconhecível, conforme se encontra em outras moedas desta oficina. O X e o glóbulo (X.) poderão constituir uma contra-marca aberta num cunho já utilizado ou a fracção do asse que cada moeda representaria. Pensamos ficar assim esclarecida a atribuição desta variante a um tipo de numisma já bem representado na oficina de Balsa.

Das três moedas de Balsa, publicadas por L. de Vasconcellos (1932, 4), duas são provenientes da Quinta da Torre de Ares, ali compradas por Almeida Carvalhais para o M. N. A. E. (1911, 106), sendo a terceira também de procedência algarvia, talvez do mesmo local, conforme indica aquele autor, tendo sido oferecida por Pedro Batalha Reis ao M. N. A. E.

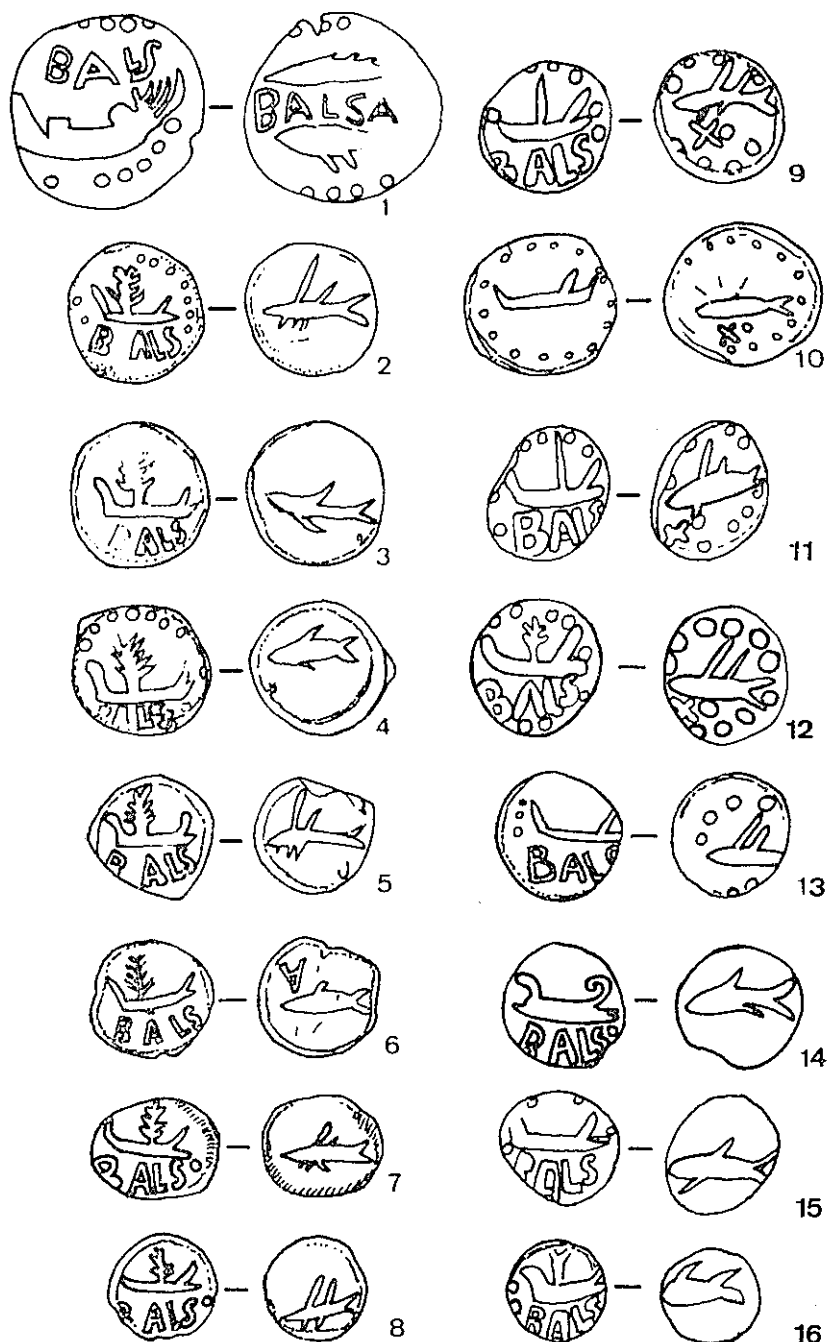


Fig. 2— Moedas da oficina de Balsa; 1) Asse, ex-coleção Pacheco; 2) Triente (?); Col. M. N. A. E.; 3) Triente, Col. M. N. A. E. (148,5); 4) Triente, Col. M. N. A. E. (4); 5) Triente (?), Col. Instituto de Valencia de Don Juan; 6) Triente (?), Col. desconhecida; 7) Triente (?), Col. M. N. A. E.; 8) Sextante (?), Col. M. N. A. E.; 9) Quadrante, Col. M. N. A. E. (67); 10) Semisse, ex-col. Cervera; 11) Semisse, Col. R. Miguéis; 12) Semisse (?), Col. desc.; 13) Semisse, ex-col. Pacheco; 14) Quadrante, Col. L. Mendonça; 15) Quadrante Col. R. Miguéis; 16) Sextante, Col. R. Miguéis (1, seg. G. Farrés, 1964, 35 e 1966, 293, n. 1176; 2, seg. L. Vasconcellos, 1932, 4; 5, seg. A. Vives, 1924 CXVIII-3 e G. Farrés 1966, 293, n. 1178; 6, seg. A. Burgos, 1979, 126-127, n. 961; 7 e 8, seg. L. Vasconcellos, 1932, 4; 10, seg. A. Vives, 1924, CXVIII-2 e A. Burgos, 1969, 126-127, n. 960; 12, seg. L. Villaronga, 1979, 235 n.º 871; 13, seg. G. Farrés, 1964, 35).

Embora pertencessem à colecção do M. N. A. E., e ali as procurássemos, não nos foi possível identificá-las.

O. Gil Farrés publicou em 1964 (35) e em 1966 (293, n.º 1178) um semisse e um quadrante de Balsa de tipos idênticos aos publicados por L. de Vasconcellos em 1932, assim como um asse, em cujo anverso aparece a legenda BALS sobre um navio e no reverso aquele mesmo tópicio, entre dois atuns voltados para a esquerda, mostrando nas duas faces gráfilas de glóbulos perto da orla (1966, 293, n.º 1176). Esta peça é proveniente da Quinta da Torre de Ares e encontrava-se na colecção do Dr. Joaquim Pacheco, de Olhão, hoje dispersa. Daquela colecção faziam ainda parte dois semisses, achados conjuntamente na Quinta da Torre de Ares, um de Balsa, tendo no anverso um navio e a legenda BALS e no reverso um atum, e outro de Osso, com um peixe no anverso e no reverso dois círculos concêntricos onde estava inscrita a legenda OSSO (Santos, 1971, I, 261). Segundo as amáveis informações do Dr. Pacheco a sua colecção de moedas hispânicas era constituída por seis exemplares da oficina de Balsa e apenas um de Osso, tendo sido todas encontradas na área da Quinta da Torre de Ares (Balsa).

4. *Tipos e Variantes*

No momento actual da nossa investigação, em que contamos apenas com cerca de duas dezenas de numismas provenientes das oficinas de Balsa e de Osso, podemos determinar os seguintes tipos e variantes:

4.1. Oficina de Balsa (Fig. 2)

4.1.1. Asse (Br.) — ANV. — Legenda BALS sobre um navio e gráfila de glóbulos.

— REV. — Legenda BALS entre dois atuns, voltados para a esquerda, e gráfila de glóbulos.

4.1.2. Semisse (Pb.) — ANV. — Legenda BALS sob navio voltado para a direita e gráfila de glóbulos.

— REV. — Atum, voltado para a esquerda, com barbatanas rectas, gráfila de glóbulos e inclusão de um X acompanhado de um glóbulo (X.).

4.1.3. Triente (Pb.) — ANV. — Legenda BALS sob navio voltado para a direita, com mastro e vela em forma de árvore, e gráfila de glóbulos.

— REV. — Atum, voltado para a esquerda.



Fig. 3 — Moedas da oficina de Ossonoba: 1) Asse, col. Calderón; 2) Asse, col. desc.; 3) Asse, col. do Instituto de Valencia de Don Juan; 4) Asse, col. desc.; 5) Quadrante, col. desc.; 6) Quadrante, col. Imprensa Nacional-Casa da Moeda; 7) Triente, col. M. N. A. E. (140); 8) Semisse, col. J. Cúmano; 9) Quadrante, col. L. Mendonça; 10) Quadrante, col. J. Cúmano; 11) e 12) Semisses (?), col. J. Cúmano; 13) Semisse, col. desc. (1 e 2, seg. A. Delgado, 1871-76, LXIII: 1-2; 3 seg. A. Vives, 1924, CXVIII-1; 1926, 114; 4 e 5, seg. A. Burgos, 1979, 151, n. 1202 e n. 1203, 8, 11 e 12, seg. L. de Vasconcellos, 1918, 108; 10, seg. A. Delgado, 1871-76, LXIII-3; 13, seg. Flórez, 1758-1773 LXV-5).

Conhece-se a seguinte variante do anverso:

4.1.3.1. Legenda BALS e navio, com mastro simples, voltado para a direita.

4.1.4. Quadrante (Pb.) — ANV. — Legenda BALS sob navio com mastro simples, voltado para a direita, e gráfila de glóbulos.

— REV. — Atum, voltado para a esquerda, gráfila de glóbulos e inclusão de um X acompanhado de um glóbulo (X•).

Conhecem-se as seguintes variantes

4.1.4.1. ANV. — Legenda BALS e navio linear sem mastro.

REV. — Atum voltado para a esquerda.

4.1.4.2. ANV. — Legenda BALS e navio com casco em volume, proa e popa altas e curvas.

REV. — Atum voltado para a esquerda.

4.1.4.5. Sextante (Pb.) — ANV. — Legenda BALS sob navio, voltado para a direita, com mastro simples.

— REV. — Atum voltado para a esquerda.

A variante definida pela forma 4.1.4.2. representada no exemplar proveniente da Quinta do Pinheiro (2.1.) não encontra paralelo e, contrariamente aos restantes numismas de Balsa que mostram os navios muito estilizados, reduzidos aos seus traços essenciais (casco, proa, popa, ariete e mastro, características que aliás também encontramos em moedas de Ossonoba), apresenta um modelado cuidado, tratado em volume, com a proa alta e curva em voluta, com um forte ariete, a popa também alta e com leme, não oferecendo, no entanto, mastro ou vela. Encontramos o mesmo tratamento plástico cuidado do navio no atum representado no reverso, onde foi dada uma sugestão de movimento sem paralelos nas outras moedas de Balsa mas que podemos observar em algumas representações de golfinhos, em moedas de Salacia, Sirpens e Kevion, para apenas mencionarmos oficinas hoje em território português. Os atuns representados nos restantes numismas de Balsa mostram quase sempre barbatanas dorsais e ventrais longas e rectas. O anverso da forma 4.1.3., com o mastro e a vela do navio em forma de árvore (Amen-doal, 2.8.), era já nosso conhecido em numismas da oficina de Balsa, publicados por L. de Vasconcellos (1932), e nos asses de Ossonoba.

4.2. Oficina de Ossonoba (Fig. 3).

4.2.1. Asse (Br.) — ANV. — Navio e gráfila de glóbulos.

— REV. — Legenda OSUN(V)BA, entre dois atuns voltados para a esquerda e gráfila de glóbulos.

Encontrámos variantes sobretudo na forma dos navios:

4.2.1.1. ANV. — Navio com proa e popa curvas, à mesma altura, e vela em forma de árvore.

4.2.1.2. ANV. — Navio com vela enfunada.

A identidade iconográfica entre ambas as faces deste tipo de moeda e a que conhecemos de Balsa, com valor correspondente, é notável.

4.2.2. Triente (Pb.) — ANV. — Legenda OSO sob um atum, voltado para a direita.

— REV. — Navio com mastro (?) sob legenda OSO.

4.2.3. Quadrante (Pb.) — ANV. — Legenda OSO sob um atum voltado para a direita.

— REV. — Navio(?).

4.2.4. Quadrante? (Pb.) — ANV. — Legenda OSO.

— REV. — Golfinho.

A este tipo, pouco comum, poderá pertencer a moeda que fazia parte da colecção do Dr. Pacheco, encontrada em Balsa, referida por Maria Luísa Santos (1971, I, 261).

4.3. São conhecidas moedas com pares de peixes ou de atuns provenientes das oficinas de Abdera, Aipora, Asido, Kevion, Lastigi e Sexs onde apresentam, no centro da face, entre aquelas figuras, a legenda identificadora da oficina, modalidade que segundo Gil Farrés (1966, 54, 290-292; 1976, 130), será de origem púnica. Bateu ainda moedas com pares de peixes, embora não legendadas nessa face, a oficina de Gades.

Encontrámos representações singulares de peixes, sobretudo de atuns, (exceptuando os golfinhos por pensarmos apresentarem características semiológicas diferentes) nas seguintes oficinas: Caura, Cumbaria, Gades, Ilipa, Kevion, Myrtilis, Sexs, Bailo, Sisipo e Brutóbriga.

Note-se que muitas das oficinas agora referidas cunharam também moeda com pares de peixes, parecendo desde logo ter havido uma eleição especial na utilização deste motivo iconográfico, cuja distribuição se encontra obviamente mais representada nas oficinas litorais, talvez originário de Abdera ou de Sexs.

Encontrámos representações de navios ou de partes de navios, apesar de não serem do mesmo tipo dos representados nas moedas de Balsa e de Osso-noba, nas oficinas de Arse, Carteia, Sexs, Dertosa, Ilergavonia, Sagunto e Tamusiens, também distribuídas pela costa sul da Península. Curiosamente apesar de ter havido oficinas que cunharam moedas em cujas faces se encon-

tram peixes ou navios (Sexs) não existem exemplares como os de Balsa e de Ossoⁿoba onde aqueles dois motivos iconográficos sejam usados conjuntamente na mesma peça, um no anverso e outro no reverso, ou vice-versa.

A associação navio-atum encontra-se apenas no reverso de um asse de Brutóbriga (Farrés, 1966, 294-295, 326, n.º 1181; Burgos, 1979, 127, n.º 964; Guadán, 1980, 244, n.º 940) que mostra um navio com casco alto, proa e popas curvas em voluta, voltadas para o interior da nave e que se assemelha de algum modo às representações de navios dos anversos dos asses de Ossoⁿoba com características de serem destinados ao tráfico comercial. Pelo contrário as embarcações representadas na totalidade dos semisses, trientes, quadrantes e no sextante de Balsa que conhecemos, assim como num quadrante de Ossoⁿoba, mostram serem vasos de guerra, menos volumosos, com casco baixo e forte ariete à proa. Um destes arietes de bronze, comuns entre os sécs. III e I a. C., encontrado na costa norte-africana, foi publicado por J. S. Morrison que atribui a esta arma uma origem grega da primeira metade do séc. VII a. C. (Greenhill, 1976, 156-159, fig. 109) (Est. III-1).

As abreviaturas utilizadas nos numismas de Ossoⁿoba podem, como referimos, apresentarem-se segundo três formas distintas: OSVNBA por OSVN(V)BA, OSO e OSSO, esta última só nossa conhecida na moeda de atribuição duvidosa publicada por Flórez (1757, LXV-5), na referência feita por T. de Aragão a um exemplar inédito da colecção Cúmano, hoje dispersa, (Aragão, 1968, 2704) e na moeda já referida de Ossoⁿoba encontrada em Balsa e que fez parte da colecção do Dr. Pacheco (Santos, 1971, I, 261). Nas lápides epigrafadas de Ossoⁿoba encontramos as formas abreviadas OSSON. e OSSONOB., a primeira numa inscrição dedicada a Valeriano (253-359), a segunda num monumento dedicado a Aureliano (270-275) e numa inscrição encontrada num possível templo consagrado ao culto imperial. Podemos pois concluir que não se registam na epigrafia, até agora conhecida, as formas comuns utilizadas nas emissões monetárias. Pelo contrário, as legendas dos numismas de Balsa cuja única abreviatura conhecida é BALS, (de Balsensis, ou de Balsa?), encontra-se representada em três lápides provenientes daquela cidade, hoje no M. N. A. E. (E-6359 e E-6397) (Vives, 1971, 484, n.º 5264, Santos, 1972, I, 170-175, 220-227) e numa outra dos arredores de Évora, guardada no Museu daquela cidade (Vasconcellos, 1905, 302-304, fig. 65; Vives 1971, 103, n.º 917).

4.4. Na simbologia numismática hispânica são sobretudo utilizadas iconografias com referências de natureza política, administrativa, económica e religiosa.

Uma moeda deve exibir símbolos facilmente reconhecíveis pelas popu-

lações que dela se servem, para além das legendas identificativas de cada oficina (toponímicas) ou do país emissor, da sua área de circulação, do valor, do motivo iconográfico que mostra ou da efeméride que comemora e que ajudam a caracterizar as emissões; ela deve assumir uma categoria emblemática, deve identificar e sintetizar de algum modo a cidade onde é cunhada ou a zona da sua circulação. É assim que os navios de guerra deverão simbolizar o poder marítimo, tanto político como económico, encontrado já assim representado em moedas gregas de Chios e de Sidon desde o séc. V a. C. Também dentro de um mesmo processo de afirmação do seu poder económico marítimo, Cyzicus, no séc. V, cunhou moedas onde figuravam atuns.

As cidades fenícias de Tiro, Sidon, Biblos e Aradus cunharam moedas com galés e trirremes numa demonstração do seu poderio naval, tanto sob o ponto de vista militar como comercial. Dentro deste quadro simbólico Antígonas Gonates, rei da Macedónia, mandou cunhar um tetradracma de prata (258. a. C.) (Est. II-1) cujo anverso mostra a cabeça de Poseidon, deus do Mediterrâneo, e no reverso Apolo sentado sobre a proa de uma galé, reunindo os dois patronos do mar. O poder económico e marítimo de Sidon é evidenciado pelas suas moedas de prata, de grande peso, mandadas cunhar por Abd-Astart I (370-358 a. C.) que mostram no anverso galés com remadores e no reverso o rei sentado. Durante as Guerras Púnicas, Roma emite semisses de bronze onde no reverso está representada a proa de um navio e no anverso a cabeça laureada de Saturno (218-217 a.C.), (Fig. II-2-3); asses com a cabeça de Janus no anverso e uma proa de galé e a legenda ROMA no reverso; assim como sextantes também de bronze (222-187 a. C.), onde no reverso se encontra figurada a proa de uma galé e no anverso a cabeça do deus Mercúrio, com o *petasus* alado, o protector do comércio, mensageiro dos deuses e inicialmente também protector da agricultura. É o período do crescimento do poder naval romano, da construção da sua esquadra, que irá dominar completamente o Mediterrâneo e destronará, depois das Guerras Púnicas, o poderio político, militar e comercial cartaginês (Mattingly 1960, pl. II-IV; Ben-Eli, 1975, 11, 24, 26, 62, 78). Já durante o Império, nos tempos de Augusto (21 a. C.-14 d. C.), é batido em Roma um denário de prata (Fig. II-4) comemorativo das vitórias daquele soberano, no primeiro ano do seu reinado, representando o papel da esquadra na conquista dos seus sucessos militares: o anverso mostra a cabeça laureada de Augusto e o reverso a deusa Vitória de pé, sobre a proa de um navio, segurando uma coroa e uma palma. Vespasiano (69-79 d. C.), também comemora a sua vitória, como comandante naval, sobre a esquadra de Vitellius em 69 (Período da Guerra Civil), mandando emitir um denário de prata com a sua cabeça laureada no anverso e a deusa Vitória de pé, sobre a proa de uma galé, no reverso, assim como um

outro denário, também com a sua cabeça no anverso, mas que mostra no reverso a proa de um navio sob uma estrela (Sol?) (Fig. II-5-6). A grande mobilidade das legiões através do mar, preponderante táctica dos exércitos romanos, foi representada num denário de prata, cunhado no tempo do cônsul Marco António (44-28 a. C.), que oferece no anverso uma galé com remadores, proa e estandarte, no reverso três estandartes, uma águia e a legenda LEG. VIII (oitava legião) (Ben-Eli, 1975, 34, 36). Um sestércio de bronze (Fig. II-7) cunhado durante o reinado de Nero (54-68 a. C.) apresenta no anverso a cabeça laureada do imperador e no reverso uma importante e completa alusão ao porto de Ostia: o deus Neptuno, um grande pórtico, um templo, quebra-mares, vários navios, um golfinho e uma estátua sobre um *podium*.

Em Alexandria é também cunhada, no reinado de Nero, uma moeda onde é representado um navio comercial do tipo dos utilizados no transporte do tributo em trigo que o Egipto anualmente pagava a Roma. A este mesmo tipo de embarcação pertencem as representações dos asses de Ossonoba (Ben-Eli, 1975, 15, 36, 78). Nero enaltece o porto de Ostia, cuja construção se deve essencialmente a Cláudio, introduzindo uma nova dimensão na iconografia monetária, tanto sob o ponto de vista da sua significação política e económica como figurativa. Para além de pela primeira vez na história da numismática ser representada uma obra arquitectónica profana, embora ainda carregada de alguns símbolos religiosos, é plasticamente inovadora, pois o porto é mostrado como visto do ar, em perspectiva, engrandecendo uma obra eminentemente social, ajudando a divulgar a imagem de um soberano e utilizada como propaganda política. Naquela moeda não são apenas representados barcos e deuses que evidenciam o poder naval de Roma, como anteriormente vimos, mas um completo conjunto de imagética náutica, maximizando a ideia do poder naval e promovendo-a até à «*Ideia de Império*». A nosso ver as moedas com o porto de Ostia, e mais tarde as do tempo de Valeriano e de Galieno (253-268 d. C.) com uma alusão ao porto de Nicomedia na Ásia Menor (Ben-Eli, 1975, 68), são uma espécie de imagens de um Império que se sabe conquistado e mantido sobretudo com o poder naval, tanto sob o ponto de vista do domínio político-militar como sob o ponto de vista económico, tendo o mar, fonte de abundância e fertilidade, como grande centro de comunicação entre diferentes zonas desse Império (Península Ibérica, Norte de África, Egipto, Ásia Menor, Síria, Palestina, etc.), que sucessivamente iam mantendo a riqueza e magnificência de Roma.

Também Herodes o Grande (37-4 a. C.) e Herodes Arquelaos (4 a. C.-6 d. C.), mandaram emitir moedas com motivos marítimos, navios, proas de navios e âncoras, o primeiro comemorando a inauguração do porto de Cesária, o maior da Palestina (10 a. C.) (Fig. II-8), um importante projecto urbano

e económico; o segundo servindo-se desses símbolos na qualidade de herdeiro dessa importante obra, produtora de riqueza, de categoria emblemática, ainda que todas as moedas por eles mandadas cunhar fossem batidas na capital que era Jerusalém, uma cidade do interior do país (Ben-Eli, 1975, 52). Estas moedas apesar da sua distanciação geo-política identificam-se formalmente com certos aspectos das moedas de Balsa e de Ossonoba, mostrando navios, muito estilizados a toda a largura dos reversos, inscritos em gráfilas de glóbulos. Também as naumaquias, espectáculos navais comemorativos, entretenimento das massas a que alude uma lápide de Balsa (Santos, 1972, I, 224-226), servem de motivo à cunhagem de moedas cuja iconografia principal baseia-se precisamente na figuração de barcos (Ben-Eli, 1975, 44 e 76). É neste vasto contexto iconográfico e cultural que devemos integrar as representações encontradas nas moedas de Balsa e de Ossonoba, muito próximas, como já anteriormente referimos, das moedas peninsulares de Abdera e Sexs (4.3.).

4.5 Na Península Ibérica funcionaram mais de uma centena de oficinas que bateram moeda, as mais antigas desde meados do séc. V a. C., sucessivamente sob as influências das oficinas gregas, fenícias e cartaginesas, continuadas pelas emissões pseudo-autónomas sob o domínio romano, legendadas nos alfabetos indígenas e posteriormente em caracteres latinos, até ao reinado de Cláudio (41-54 d. C.), momento limite do privilégio da amoedação concedido por Roma a algumas cidades peninsulares, depois da obtenção da vitória sobre Cartago (206 a. C.).

No território actualmente português da Hispânia Ulterior conhecem-se onze oficinas que cunharam moeda: Baesuri (Castro Marim), Balsa (Torre de Ares), Brutóbriga (c. de Santarém), Dipo (c. de Elvas), Eborá (Évora), Kevion (Alcácer do Sal), Myrtilis (Mértola), Pax Julia (Beja), Ossonoba (Faro), Salácia (Setúbal?) e Sirpens (Serpa). Estas oficinas amoedaram penas até à época de Augusto, (23 a. C.), momento em que somente as cidades de Eborá e Emerita, na Lusitânia, continuaram com aquele privilégio e obtiveram o *permissu Caesaris Augusti* inscrito obrigatoriamente nas emissões hispânicas imperiais (Reis, 1952; Santos, 1980).

5. Cronologia

5.1. No séc. II a. C., com o advento da romanização, as cidades algarvias sofreram certamente alterações de ordem não só política como administrativas e económicas. A romanização do sul da Hispânia apesar de mostrar uma dinâmica diferente da processada a norte do Tejo, onde a resistência ao invasor sobreviveu até à época de Augusto, terá forçosamente demorado tanto em termos culturais como de controle e fixação das novas instituições.

As cunhagens de Balsa e de Ossonoba, cidades já existentes antes da romanização, referidas pelas fontes clássicas, ter-se-ão iniciado quando as instituições administrativas municipais estivessem já reestabelecidas e em pleno funcionamento (Schulten, 1952, 1962). Não esqueçamos que o direito de cunhar moeda está universalmente ligada à soberania, que as emissões romanas dependiam do Senado, que organizou em 43 o sistema geral das moedas urbanas, e que «o número de oficinas está na razão inversa da autoridade governativa» como refer Gil Farrés (1966, 5) (Beltrán, 1950, 164-167).

O início das cunhagens hispânicas, sob o domínio romano, poder-se-ão situar genericamente como sucessoras das cunhagens nos alfabetos indígenas, herdeiras das oficinas gregas e fenícias, não havendo com a romanização interrupção da circulação monetária, antes pelo contrário implementando-a de forma a melhor controlar e a desenvolver o novo ritmo do processo económico, como demonstram o maior número de oficinas e a maior quantidade de achados desta época que do período precedente, mostrando uma enorme propagação no uso da moeda. Muitas oficinas hispânicas, funcionando sob o domínio romano, cunharam moeda utilizando alfabetos indígenas de modo a agradar às populações autóctones e a torná-la melhor reconhecível nas suas respectivas áreas de circulação conforme nos lembra ainda Gil Farrés (1966, 113).

As cunhagens tinham uma circulação restrita sob o ponto de vista administrativo e económico, pois apenas seriam aceites numa determinada área, muitas das vezes limitada pela própria definição física da «cidade romana» a que correspondia cada uma das oficinas. Aquelas não cunhavam geralmente moeda de valor elevado, tinham antes um carácter fiduciário, utilizando-se nas emissões metais pobres, como o cobre ou o chumbo, tendo apenas valor de troca, sem valor intrínseco, reservando-se para Roma, ou para a sua administração directa, as emissões de maior valor, onde eram então utilizados metais nobres. A escassa quantidade de moeda batida por muitas oficinas hispânicas induz-nos, ainda, a concluir que teriam cunhado durante um curto espaço de tempo sendo as emissões muito limitadas no número de exemplares.

Todos estes factores fazem parte de um processo restritivo e de controle económico muito divulgado, usado pela maior parte das potências colonizadoras, apesar de organizarem instituições com características administrativas semelhantes às das metrópoles, sistemas de que se conhecem exemplos ainda nos nossos dias. As moedas coloniais ou provinciais têm geralmente um valor restrito, servindo apenas a circulação interna, com valor fiduciário dependente e imposto pelo colonizador, raramente alcançando cotações fora da área de circulação a que se destinam. A maioria das oficinas hispânicas, sobretudo

da área NE, terão funcionado a partir da época de reorganização administrativa da Península, depois da tomada de Numância (133 a. C.), batendo moeda com epígrafes em alfabetos indígenas num período de paz que terá como termo as Guerras Sertorianas (87-73 a. C.). As séries monetárias com legendas ibéricas, terminarão completamente em 45 a. C., data da batalha de Munda, que marca o termo das campanhas de César na Península (55-44 a. C.), dando lugar às séries legendadas no alfabeto latino (Valls, 1966, 209).

5.2. A falta de contextos arqueológicos claros tem obstado a um melhor conhecimento da moeda hispânica. São alguns tesouros geralmente integrando outras moedas e materiais pertencentes a várias épocas que têm fornecido, até agora, a maioria dos dados cronológicos de que dispomos. Os tesouros têm particularidades muito próprias pois não representam testemunhos directos da vida quotidiana, são antes, bem pelo contrário, investimentos que reúnem peças com elevado valor intrínseco, independentemente da época em que são constituídos. Um tesouro, monetário actual pode, por exemplo, ser constituído por moedas romanas de ouro ou prata, dobrões oia ninos, libras victorianas, pesos mexicanos, ou *dóllars* «cabeça de índio», interessando sobretudo o seu quantitativo em material nobre independentemente da heterogenidade da proveniência.

A ideia de tesouro é de ordem material, de investimento puro e simples, jde concentração, de fácil ocultação e de mobilidade, desligada de qualquer referência contextual carecendo mesmo, na maioria dos casos, de curso legal; ideia que se avolumou na Península sobretudo nos períodos de crises políticas, sociais e económicas, como durante as Guerras Sertorianas (83-73 a. C.), nos finais do Império Romano, nos tempos da Reconquista Cristã, durante as Invasões Francesas e em Portugal no sequeute período das Lutas Liberais, épocas em que a instabilidade generalizada não oferecia garantia a outro tipo de investimento, não havendo, mesmo a curto prazo, certeza de maior rentabilidade.

5.3. Os principais tesouros monetários estudados, contendo moedas hispânicas das oficinas pseudo-autónomas, têm sido encontrados sobretudo na área levantina da Península. Nos tesouros de Sagaró (Gerona), Maluenda (Zaragoza), Huesca, La Barroca (San Clemente de Amer, Gerona), Cazlona (Jaén), Palenzuela (Palencia), Azaila, Los Almadenes (Pozoblanco, Córdoba), Alcalá de Henares e em Numância, encontraram-se denários ibéricos com epígrafes em alfabeto indígena (Cese, Bolscan, Barscunes, Turiasu, Arsaos, Icalosken, Iltirta), associados a denários romanos consulares, datados dos últimos anos do séc. II a. C. (105 e 103-102 a. C.) até meados do século I

a. C. (63-62 e 45 a. C.), pertencendo algumas das ocultações à época das Guerras Sertorianas (Gil Farrés, 1966, 114-172).

5.4. Uma moeda de Kevion foi encontrada no povoado do Pedrão (Setúbal) num estrato do séc. I a. C., onde estava associada a cerâmicas campanienses, imitação da B, cossoiros, fibulas do tipo La Tène III e ainda a moedas republicanas datadas de 119-110 e de 88-87 a. C. (Silva, Soares e Santos, 1973, 307-308), mostrando poder ter havido a par da circulação das cunhagens pseudo-autónomas em alfabetos indígenas, circulação monetária romana e materiais importados, datados dos inícios da romanização, naquela importante zona estratégica e económica da faixa ocidental da Hispânia que é a Península de Setúbal.

5.5. O estrato V do Castelo de Alcácer do Sal, também datado do séc. I a. C., ofereceu um asse de Cástulo juntamente com cerâmica pintada de tipo «ibérico», cerâmica campaniense A tardia e B, ânforas romanas republicanas (Dressel 1) e «cartaginesas» (Dressel 18) (Soares e Silva, 1980, 53).

5.6. Um outro dado cronológico mais próximo é-nos oferecido pelas cunhagens dos asses de Brutóbriga, situada perto de Santarém e referida por Estêvão de Bizâncio, só possíveis muito posteriormente a 138-137 a. C., data do início da campanha de Décimo Júnio Bruto, quando o sul da Hispânia estivesse já sob o completo controle romano (Schulten, 1952, 198).

Os escassos exemplares conhecidos de Brutóbriga, já por nós referidos, legendados em caracteres latinos, poderão ser pela sua tipologia (por apresentarem no anverso segundo alguns autores, a cabeça de Pompeu Magno, talvez mandados cunhar por Sexto Pompeu c.45-44 a. C.), datados dos inícios da segunda metade do séc. I a. C. (Farrés, 1966, 288, 326; 1976, 131).

5.7. As mais antigas epígrafes latinas conhecidas na moeda hispânica são também datadas dos inícios da segunda metade do séc. I. a. C., cunhadas nas oficinas de Dertosa, Emporiae (45 a. C.) e Celsa, data aliás semelhante à atribuída aos asses de Brutóbriga.

Balsa e Ossonoba, a nosso ver, terão iniciado as suas cunhagens também aproximadamente naquele período, (Guerras Pompeianas), utilizando no seu reportório temático navios e atuns que encontramos ainda em Brutóbriga, quiçá um pouco mais tardiamente. A solução do tópico entre peixes, já referida nos asses de Sexs, é ali datada por Gil Farrés como posterior a 61 a. C. por a epígrafe conter *Firmium Iulium Sexs* referindo, talvez, a família de César. Uma solução formal idêntica à acima referida é a que nos mostra o tópico ou nome da cidade emissora entre espigas, como nos anversos dos asses de Carmo, em cujos reversos se vê Juno toucado com uma pele de cabra, segundo Gil Farrés (1966, 287, 294) imitando uma moeda do magistrado L. Papio Celso e portanto posterior a 46 a. C. (1966, 286-287).

5.8. Um dupondio de Carmo foi encontrado no tesouro de Azaila, não posterior a 49 a. C., conjuntamente com um quadrante de Córdoba e um semisse de Ebusus. Mostra no anverso uma cabeça com capacete redondo (representando talvez os exércitos de César, vencedores das Guerras Pompeianas) e no reverso o tópico entre duas espigas. Deste mesmo período serão os asses de Celsa que mostram cabeças com capacetes redondos datados de 39-37 a. C. (Farrés, 1966, 278-280).

5.9. Perante os paralelos revistos resta-nos pois, teoricamente, um curto espaço de tempo entre os anos 47 e 43 a. C., em que poderiam ter sido iniciadas as emissões de moedas das oficinas de Balsa e de Ossoño. Ao limite superior para além dos dados já apontados corresponderia, segundo Grant (1946), uma grande abundância de oficinas consequência da estratégica política de César após as Guerras Pompeianas.

O limite inferior do funcionamento daquelas estará ligado ao momento em que as reformas administrativas octavianas retiram o direito de amoeirar à maior parte das cidades do Império. Neste mesmo período, com amplitudes ainda imprecisas, terão batido moeda as restantes oficinas do território hoje português, exceptuando-se Kevion por ser mais antiga, certamente a primeira e Eborac, por ter obtido no ano 23 a. C. o *permissu Caesaris Augusti* e que cunha até ao ano 12 a. C.

5.10. Também o sistema ponderal encontrado, sobretudo, nas emissões dos exemplares de Balsa, constituído pelos cinco valores: asse, semisse, triente, quadrante e sextante, respectivamente com 13,6 grs., 6,8 grs., 4,5 grs., 3,4 grs., e 2,2 grs. integra as oficinas que temos vindo a estudar no sistema métrico hispânico semiuncial, pois o asse romano era de 27,2 grs., com pequenas reduções de peso, característica de um período tardio. Os glóbulos que encontramos tanto no anverso como no reverso de algumas das moedas de Balsa, poderão representar o número de partes do asse que conteriam cada um daqueles numismas, representando cada glóbulo uma *uncia*.

Fica assim também excluída a hipótese dos pequenos numismas de chumbo serem *tesserae* ou senhas para entrada em lugares públicos (Farrés, 1964, 35; 1966, 277; Villaronga, 1979, 22).

6. Conclusões

6.1. Fizemos já referência à grande semelhança do reportório iconográfico entre as moedas de Balsa e de Ossoño, facto quanto a nós devido não só à grande proximidade geográfica daquelas duas cidades como a uma identificação das suas características, sobretudo as económicas, equilibradas entre a indústria da pesca e o comércio marítimo (Fig. 1). Notámos anterior-

mente também que dois dos quadrantes da oficina de Ossonoba, o da Quinta do Pinheiro e o da ex-colecção Pacheco, foram encontrados na *urbe balsensium*, assim como dois numismas da oficina de Balsa terão sido recolhidos um nas ruínas de Milreu e outro no sítio do Amendoal, em locais muito próximos de Faro. Parece pois que a circulação daquelas oficinas seria um tanto indiscriminada, não só devido à proximidade geográfica como iconográfica.

A semelhança iconográfica, estilística e técnica entre as moedas de Balsa e de Ossonoba faz-nos hipotizar que aquelas poderão ser provenientes de um mesmo atelier que abasteceria ambas as cidades, ou terem sido executados os seus cunhos por um mesmo artista.

Apesar de algumas das moedas agora estudadas se encontrarem desgastadas pelo uso, ou alteradas por acidentes vários, os seus pesos indicam-nos claramente ter existido nas cidades de Balsa e de Ossonoba um sistema monetário completo constituído pelos cinco maiores valores metrológicos.

Até este momento atribuía-se às cunhagens de Balsa apenas os valores asse, semisse e quadrante e à oficina de Ossonoba somente asse e quadrante.

Não se reconheceram novos motivos iconográficos, registando-se no entanto algumas variantes que nos indicam a utilização de cunhos diferentes para o fabrico de moedas do mesmo valor.

A área legal de circulação das emissões hispânicas, pseudo-autónomas, seria limitada pela área física abrangida por cada cidade emissora, embora se encontrem muitas moedas fora das suas áreas originais, como os exemplos anteriormente referidos, que circulariam entre cidades próximas, e os muitos achados de numerário «ibérico» encontrados tanto no norte como no centro e sul de Portugal, demonstrando relações comerciais e uma certa aceitação generalizada da moeda mesmo que cunhada em oficinas distantes. Este fenómeno deve-se ao facto de muitos daqueles numismas serem cunhados em prata, portanto com um valor intrínseco, caso que não encontraria repetição com as moedas de chumbo de Balsa e Ossonoba. É pois bastante curiosa a constatação de se encontrarem moedas que continuam certamente a desempenhar a sua função em locais longínquos das suas cidades emissoras, função que aliás lhes não é completamente destituída mesmo quando fazem parte de tesouros, são usadas como jóias, assumem funções talismânicas ou são utilizadas nos rituais fúnebres pagando a Caronte a última viagem.

Em Guimarães encontraram-se moedas das oficinas de Araticos, Undicescen, Turiasu, Iaca, Iltirta, Segia, Saldue e Samala; em Idanha-a-Velha da oficina de Bolscan; em Miranda do Douro de Segobirices, (Valls, 1966, 271-273); em Conimbriga de Calagurris, Turiaso, Caesaraugusta, Celsa, Bilbilis, Ercavica, Segobriga, Cartago Nova, Cástulo, Emerita, Obulco, Colonia Patricia, Ulia, Colonia Romula, Iripo, Carteia, Italica, Myrtilis e Eborac

(Villaronga, 1979, 61); do Cabeço de Vaiamonte (Monforte), provêm moedas das oficinas de Salácia, Myrtilis, Ituci, Carteia, Cástulo, Celsa, Segóbriga, Ercavica, Bolscan, Undicescen, Barscunes e Orosis (Santos, 1972); do Castelo de Garvão provêm um exemplar de Celsa (Dias e Coelho, 1974-77); de Loulé Velho dois exemplares de Carteia (Santos, 1971, I, 154); de Silves da oficina de Cilpes (Santos, 1972, II, 101-102); de Lagos de Celsa; de Miróbriga de Kevion, Myrtilis, Pax Julia, Carmo e Cádiz (Almeida 1964, 66); quantidades reduzidas se atendermos à sua grande dispersão nas restantes áreas da Península. Em Conímbriga aquelas moedas representam apenas 1,49 % do conjunto das moedas em circulação (Pereira, Bost e Hiernard, 1974; Villaronga, 1979, 61, fig. 138) (Fig. 1).

A distribuição das oficinas hispânicas no actual território português está, como referimos, limitada ao sul do país, situadas na faixa litoral meridional (Ossonoba, Balsa e Baesuris) e sobretudo no interior do Alentejo, sobre o rio Guadiana (Baesuris, Myrtilis, Sirpens, Pax Julia, Ebora e Dipo?). Apenas duas oficinas ficam situadas sobre o litoral atlântico (Kevion e Salácia) e uma próxima, nas margens do Tejo (Brutóbriga), não se conhecendo emissões monetárias autóctones numa extensa zona do litoral alentejano e algarvio onde se situavam importantes cidades, algumas com testemunhos que remontam à Idade do Ferro (Santiago do Cacém-Miróbriga, Aljustrel-Vipasca, Silves-Cilpes?, Lagos- Lacóbriga, Portimão-Portus Hanibalis?).

Este facto pode dever-se por um lado à maior proximidade daquelas cidades emissoras com as cidades emissoras da Bética e, por outro, ao grande desenvolvimento incrementado pela circulação de minérios e de cereais através do Guadiana e de caminhos terrestres, possivelmente herdeiros das antigas vias que ligavam o centro da Lusitânia ao sul da Bética já referidos por Avieno (Schulten, 195, 93-113).

6.2. A. Vives no prólogo da sua obra «*La Moneda Hispanica*» escreve: «*La moneda es únicamente signo de valor y por ende la Numismática ha de estudiar las series principalmente en este sentido. Los conceptos religiosos, étnico, político, filosófico, etc., en las monedas en cuestión son de por sí bastante inseguros y muchas veces no existieron más que en la imaginación de algunos autores, que acabaron por ocuparse perferentemente de las interpretaciones de éstos, olvidándose en cambio de explicar los elementos numismáticos, que es de suponer se propondrían*» (1926, IV). Entendemos que a moeda «como signo de valor», como lhe chamou aquele investigador, não nos pode conduzir senão a áridos estudos tipológicos. A própria esterilidade dos valores, estudados só por si, sem sabermos ou podermos sequer, muitas das vezes, passar dessa enumeração abstracta aos valores reais de troca que implicitamente toda a moeda carrega, isto é, aquilo que se pode comprar em determinada época com

certo valor amoeado, não nos conduz a lado algum. É evidente que para lá do valor de troca de cada numisma contamos com a imensa variedade iconográfica de cada oficina, cheia de referências integradoras nos contextos culturais e económicos de que são fruto. Pensamos pois que só estudos, prespectivados pluridisciplinarmente, poderão utilizar a moeda como uma riquíssima fonte para a reconstituição do passado.

Genericamente, a nosso ver, as cunhagens hispânicas pseudo-autónomas do SW peninsular, sobretudo as datadas da segunda metade do século I a. C., representam a «nova ordem» imposta por Roma, latente na forma que as emissões revestem e a que já fizemos referência, desde os estímulos à utilização da moeda como objecto de troca, até à escolha dos motivos iconográficos que as referenciam. Essa «nova ordem» será sobretudo de índole económica e administrativa, baseada no controle marítimo, no comércio e na exploração industrial da pesca, da agricultura e da mineração. Ela é representada nas moedas de Balsa e de Ossonoba cujo reportório inclui navios de carga ou de guerra e atuns, apontando de um modo explícito as principais actividades económicas daquelas cidades, a pesca e os seus derivados, o comércio marítimo, indicando ainda talvez a sua situação costeira e os portos que certamente as serviam.

Este mesmo tipo de alusão é utilizado pela iconografia numismática sobretudo nas restantes oficinas do SW ao usar espigas, bolotas, instrumentos agrícolas e diferentes tipos de figuras animais, sobretudo de gado.

As cidades de Balsa e de Ossonoba eram cada uma governada por um Senado (*Res Publica*), nelas funcionando as instituições romanas normais, existindo templos, um circo na primeira, onde também se realizavam naumaquias, conforme nos informa uma inscrição dali proveniente. Uma pequena escultura em mármore descoberta por E. da Veiga em Balsa, hoje no M. N. A. E., representando possivelmente a deusa Vitória com o pé esquerdo sobre um navio, (Est. III-2), ajuda-nos também a compreendermos a excepcional vocação marítima da cidade. Referências idênticas podem ser encontradas em Milreu e em Ossonoba onde recentemente se encontrou um mosaico com a representação do deus Oceano (Santos, 1972, I, 224-226, 238-284; Alarcão, Beloto, Encarnação e Almeida, 1980, 229-232), completando o enquadramento cultural de que a iconografia das emissões numismáticas daquelas duas cidades são reflexo.

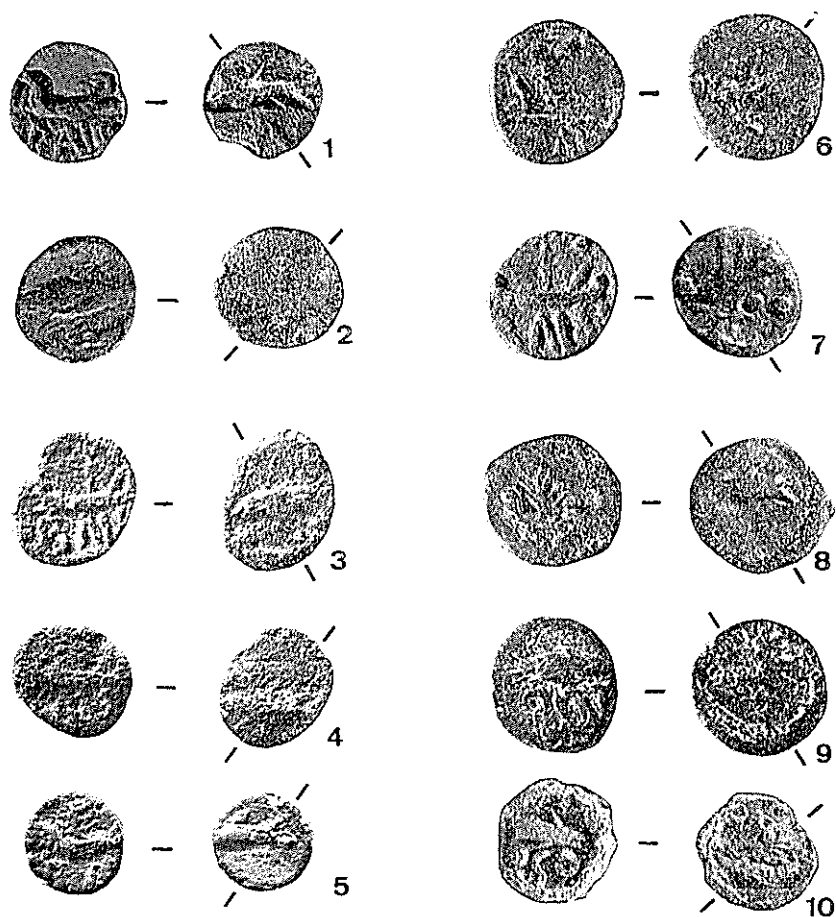
NUM SMAS DESCRITOS NO TEXTO

N.º	Oficina	ANV	REV	Valor	Peso	Mód.	Mat	Pos. ANV	Cunhos REV	Forma
2. 1.	Balsa	Navio BALS	Atum	Quadrante	3,6 grs	16 mm	Pb.	↑	↘	4.1.4.2.
2. 2.	Ossonoba	Atum OSO	Navio?	Quadrante	3,6 grs	17 mm	Pb.	↑	↗	4.2.3.
2. 3.	Balsa	Navio BALS Gráfica	Atum ×. Gráfica	Semisse	6,6 grs	19 mm	Pb.	↑	↘	4.1.2.
2. 4.	Balsa	Navio BALS	Atum	Quadrante	3,5 grs	16 mm	Pb.	↑	↙	4.1.4.1.
2. 5.	Balsa	Navio BALS	Atum	Sextante	2 grs	8 mm	Pb.	↑	↗	4.1.4.5.
2. 6.	Balsa	Navio BALS	Atum	Triente	4,9 grs	18 mm	Pb.	↑	↙	4.1.3.1.
2. 7.	Balsa	Navio BALS Gráfica	Atum ×. Gráfica	Quadrante	3,7 grs	15 mm	Pb.	↑	↘	4.1.4.
2. 8.	Balsa	Navio BALS Gráfica	Atum	Triente	4,6 grs	17 mm	Pb.	↑	↙	4.1.3.
2. 9.	Ossonoba	Atum OSO	Navio? OSO	Triente	4,7 grs	16 mm	Pb.	↑	↗	4.2.2.
2. 10.	Ossonoba	Atum OSO	Navio OSO	Quadrante	?	14 mm	Pb.	↑	↗	4.2.2.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A., BELOTO, C., ENCARNACÃO, J. e ALMEIDA, M. M. — 1980 — «O Mosaico do Oceano de Faro», *Anais do Município de Faro*, pp. 219-232.
- ALMEIDA, F. DE — 1964 — *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*, Edição da Junta Distrital de Setúbal, 92 pp., 17 figs., XXIX ests., Setúbal.
- ARAGÃO, A. C. T. — 1867 — *Description des monnaies, médailles et autres objets d'art concernant l'histoire portugaise du travail*, Exposition Universelle de 1867, Imprimerie Administrative de P. Dupont, 171 pp., V ests., Paris.
- 1868 — «Relatório sobre o cemitério romano descoberto em Tavira, em Maio de 1868», *Diário de Lisboa*, n.º 260 de 14-XI-1868, p. 2703-2705.
- BELTRÁN, A. — 1950 — *Curso de Numismática*, tomo I — Numismática Antigua, Clásica y de España, 459 pp., 561 figs., Copysa, Zaragoza.
- BEN-ELI, A. L. — 1975 — *Ships and parts of ships on ancient coins*, I, 80 pp., 73 figs., National Maritime Foundation, Haifa.
- BURGOS, F. A. — 1979 — *Catálogo General de la Moeda Hispanica desde sus orígenes hasta el siglo V*, 248 pp., Editorial Jesus Vico, Madrid.
- CARVALHAIS, J. A. — 1911 — «Acquisições do Museu Ethnológico Português», *O Archeólogo Português*, Vol. XVI, p. 103-125.
- DELGADO, A. — 1871-76 — *Nuevo método de clasificación de las medallas autónomas de España*, Ed. Círculo Numismático, Vol. I, CLXXXVII + 163 pp., XVII ests.; Vol. II, 391 pp., LXXXV ests. e 3 mapas, Sevilla.
- DIAS, M. M. A. e COELHO, L. — 1974-77 — «Achados de moedas romanas do concelho de Ourique», *O Archeólogo Português*, Série III, Vols. VII-IX, p. 269-275.
- FARRÉS, O. G. — 1976 — *Historia de la Moneda Española*, 2.ª edição, 624 pp., 426 figs., Madrid.
- 1964 — «Hallazgos de unas "tesserae" (?) e identificación de una nueva ceca en el sur de la Península hispánica», *Estudios de Numismática Romana*, p. 33-36.
- 1966 — *La Moneda Hispánica en la Edad Antigua*, 584 pp., 127 figs., Madrid.
- FLÓREZ, H. — 1758-1773 — *Medallas de las colonias, municipios y pueblos antiguos de España*. Colección de las que se hallan en diversos autores y de otras publicadas, con explicación y dibujo de cada una, tomos, I, II e III, Madrid.
- FRANCO, M. L. — 1940 — «Uma inscrição inédita de Ossonoba», *Costa de Oiro*, n.º 64, p. 9-10.
- 1952 — «Antiguidades Romanas no Algarve», *Lisbon Courier*, n.º 74, p. 21-23 e 34.
- GARCIA y BELLIDO, A. — 1949 — *Esculturas Romanas de España y Portugal*, 493 pp., Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid.
- GRANT, M. — 1946 — *From Imperium to Auctoritas, a Historical Study of Aes Coinage in the Roman Empire*, 512 pp., 12 ests., Cambridge.
- GREENHILL, B. — 1976 — *Archaeology of the boat, A new introductory study*, 320 pp., 213 figs., Adam and Charles Black, Londres.
- GUADÁN, A. M. DE — 1980 — *La Moneda Iberica, Catálogo de Numismática Ibérica e Ibero-Romana*, 358 pp., Ed. Cuadernos de Numismática, Madrid.
- HEISS, A. — 1870 — *Description Générale des Monnaies Antiques de l'Espagne*, 548 pp., Paris.
- HÜBNER, E. — 1887 — «Monumentos de Balsa», *Revista Archaeologica e Histórica*, Vol. I, p. 33-38.
- 1893 — *Monumenta Linguae Ibericae*, CXIV + 264 pp., 2 mapas, Georg Reimer, Berlin.
- MASCARENHAS, J. F. — 1978 — *Alguns subsídios arqueológicos sobre a antiga cidade de Balsa*, 29 pp. Por Terras do Algarve, Lisboa.
- MATTINGLY, H. — 1960 — *Roman coins from the earliest times to the fall of the Western Empire*, 303 pp., LXIV ests., Methuen & Co. Ltd., London.

- PEREIRA, I., BOST, J.-P. e HIERNARD, J.—1974—*Fouilles de Conimbriga, III, Les Monnaies*, 335 pp., XLVII ests, Diffusion de Boccard, Paris.
- REIS, P. B. — 1952 — «Moedas romanas no território de Portugal», *Lisbon Courier*, n.º 74, p. 24-25 e 32-33.
- SALGADO, FR. V. — 1786 — *Memorias Ecclesiasticas do Reino do Algarve*, t. I, 316 pp., Regia Officina Typográfica, Lisboa.
- SANTOS, M. F. — 1972 — «Moedas hispânicas recolhidas na Cabeça de Vaia Monte (Monforte, Alto Alentejo)», *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, Vol. 21, p. 491-511.
- 1979 — «A oficina monetária lusitano-romana de Mérida e sua representação no Museu de Évora», *Anais da Academia Portuguesa da História*, II série, Vol. 25, p. 423-458.
- 1980 — «Numismática em Portugal-Hispânica do Sul de Portugal», *Enciclopédia Verbo de Cultura*, Vol. XX, p. 664-670.
- SANTOS, M. F. e MARQUES, G. — 1977 — «Moedas com inscrições púnicas de quatro oficinas hispânicas do litoral, pertencentes à Coleção do Museu de Évora (Portugal)», *Actas do XIV Congreso Nacional de Arqueología*, p. 795-810, Zaragoza.
- SANTOS, M. L. E. V. A. — 1972 — *Arqueologia Romana do Algarve*, Vol. I, 404 pp., 170 figs.; Vol. II, 425 pp., 367 figs., 5 mapas e 40 ests., Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- SCHULTEN, A. — 1952 — *Estrabón — Geografía de Iberia*, Fontes Hispaniae Antiquae, Vol. VI, 321 pp., Barcelona.
- 1955 — *Avieno — Ora Marítima*, Fontes Hispaniae Antiquae, Vol. I, 200 pp., 1 mapa, Barcelona.
- SILVA, C. T., SOARES, J. e SANTOS, M. F. — 1973 — «Moedas Hispânicas do Povoado do Pedrão (Setúbal)», *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, p. 307-318, Lisboa.
- SOARES, J. e SILVA, C. T. — 1980 — «Castelo de Alcácer do Sal», *Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*, Centro de História das Universidades de Lisboa e Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal, p. 47-55, Setúbal.
- VALLS, R. M. — 1966 — «La circulación monetaria ibérica», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, Universidad de Valladolid, p. 207-366.
- VASCONCELLOS, J. L. — 1901 — «Les Monnaies de la Lusitanie Portugaise», *O Archeologo Português*, Vol. VI, p. 81-89.
- 1905 — *Religiões da Lusitânia*, Vol. II, 372 pp., 82 figs., Imprensa Nacional, Lisboa.
- 1918 — «Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve)», *O Archeologo Português*, Vol. XXIII, p. 104-138.
- 1919-20 — «Hierologia Lusitânica», *O Archeologo Português*, Vol. XXIV, p. 270-286.
- 1932 — «Antigualhas do Museu Etnológico», *Revista de Arqueologia*, Vol. I, p. 4-5.
- VEIGA, S. P. M. E. DA — 1866 — *Povos Balsenses, na situação geographico-physisca indicada por dois monumentos romanos recentemente descobertos na Quinta da Torre d'Ares, distante seis kilometros da cidade de Tavira*, 30 pp., Imprensa Nacional, Lisboa.
- VILLARONGA, L. — 1979 — *Numismática Antigua de Hispania, Iniciación a su Estudio*, Editorial Cymys, 350 pp., 1175 figs., Barcelona.
- VIVES, A. — 1924 — *La Moneda Hispánica*, Atlas, 13 pp., CLXXIII ests., Real Academia de la Historia, Madrid.
- 1926 — *La Moneda Hispánica*, tomo I, CXCVI + 74 pp.; tomo II, 200 pp.; tomo III, 135 pp.; tomo IV, 148 pp., Real Academia de la Historia, Madrid.
- VIVES, J. — 1971 — *Inscripciones Latinas de La España Romana*, 631 pp., Universidad de Barcelona, Barcelona.
- ZOBEL, J. — 1878-1880 — «Estudio histórico de la moneda antigua española desde su origen hasta el Imperio Romano», *Memorial Numismático Español*, IV-V, Madrid.



- 1 — Quadrante, Balsa, proveniência: Quinta do Pinheiro.
 - 2 — Quadrante, Ossonoba, prov.: Quinta do Pinheiro.
 - 3 — Semisse, Balsa, prov.: Torre de Ares.
 - 4 — Quadrante, Balsa, prov.: Torre de Ares.
 - 5 — Sextante, Balsa, prov.: Torre de Ares.
 - 6 — Triente, Balsa, prov.: Torre de Ares.
 - 7 — Quadrante, Balsa, prov.: Torre de Ares.
 - 8 — Triente, Balsa, prov.: Amendoal (Faro).
 - 9 — Triente, Ossonoba, prov.: Milreu.
 - 10 — Quadrante, Ossonoba, prov.: Milreu (?).
- (Escala Natural).



1



2



3



4



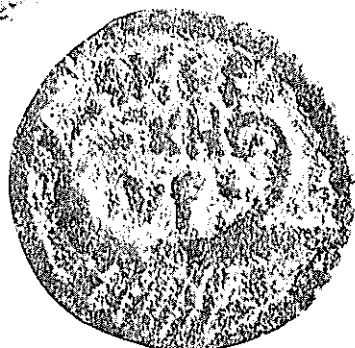
5



6

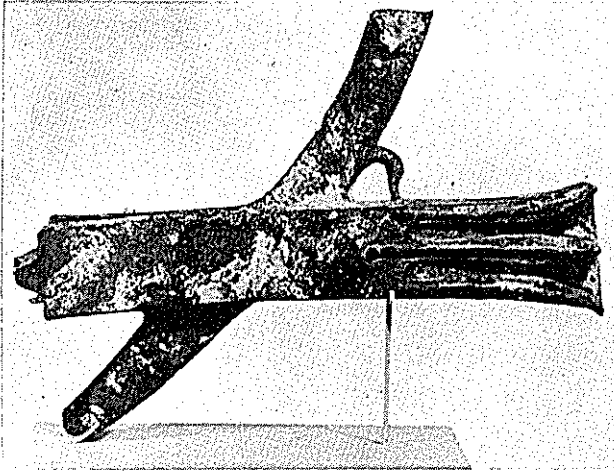


7

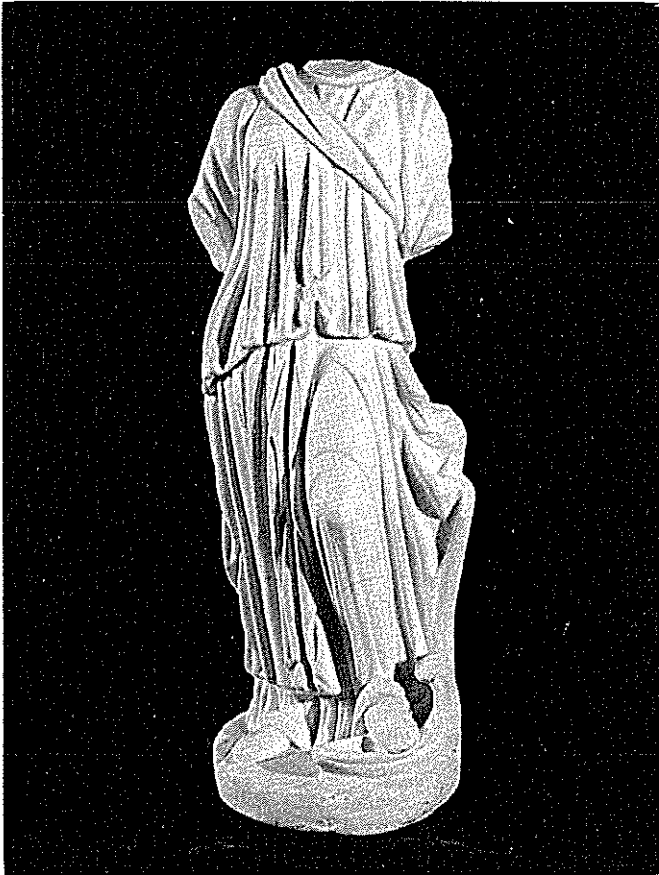


8

- 1) Macedónia, Antigonas Gonates (258 a. C.), tetradracma de prata, Ø 31 mm.
- 2) Roma, Período Republicano (218-217 a. C.), semisse de bronze, Ø 52 mm;
- 3) Roma, Período Republicano (222-187 a. C.), sextante de bronze, Ø 31 mm;
- 4) Roma, Império. Augusto (31 a. C -14 d. C.), denário de prata, Ø 19 mm;
- 5) Roma, Império. Vespasiano (69-79 d. C.), denário de prata, Ø 19 mm;
- 6) Idem, Ø 18 mm;
- 7) Roma, Império. Nero (54-68 d. C.), sestércio de bronze, Ø 35 mm;
- 8) Heródes Archelaos (Judeia), (4 a. C.-6 d. C.) bronze, Ø 18 mm. (Seg. Ben-Eli, 1975, n.ºs 2, 3, 14-17, 40, 72).



1 — Ariete para barco de proa curva, Fitz William Museum (Seg. B. Greenhill, 1976, pág. 159, fig. 109).



2 — Deusa Vitória, Quinta da Torre de Ares (M. N. A. E.)
(h = 0,405 m).

